

# Notas sobre jornalismo e história em Eça de Queirós

Adriana Mello Guimarães  
Escola Superior de Educação de Portalegre.  
Universidade de Évora

**Resumo:** Breves anotações sobre a relação entre jornalismo e história na obra de Eça de Queirós como jornalista.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós; Jornalismo; História.

**Abstract:** Brief notes on the relationship between journalism and history at the work of Eça de Queirós as a journalist.

**Keywords:** Eça de Queirós; Journalism; History.

“Era aos mass media que começava a pertencer o monopólio da história. A partir de agora, pertence-lhes. Nas nossas sociedades contemporâneas é através deles, e só através deles, que o acontecimento nos toca e não pode evitar-nos.” (NORA, 1977, p. 245)

A questão do conhecimento histórico na cultura de um povo, com seus desdobramentos na vida individual, tornou-se um tema recorrente na obra de importantes pensadores a partir do século XIX. No atual mundo globalizado é impossível darmos conta da existência humana em bases sustentáveis sem considerá-la em sua condicionalidade histórica. Se tomarmos como premissa a moderna compreensão de que toda a atividade humana é parte de um projeto, tudo pressupõe fatores históricos: a atividade económica, política, social, artística, científica, e até mesmo a atividade filosófica. Mas a atividade jornalística aparentemente tem uma relação especial com o conhecimento histórico: o jornalismo, a partir do final do século XIX, passa a refletir historicamente a vida dos povos em seus mais diferentes setores de atividade. Mas qual a relação entre a história e o jornalismo? Como é que a história tem visto os media na sua atividade de promover a interação do indivíduo com os acontecimentos da vida em sociedade?

Ora, no nosso mundo contemporâneo, hipermoderno, já se considera o jornalista como um “historiador” do tempo presente. De facto, existe uma espécie de partilha entre esses dois lugares de produção do saber, pois se o jornalismo conta histórias do acontecimento presente, o historiador também não cria factos, mas os “descortina”, fazendo-os sair da sua invisibilidade.

Entre os pensadores oitocentistas que abordaram a problemática, e assinalando uma visão histórica da questão, destacamos o escritor-jornalista Eça de Queirós que, no nosso entender, nas suas crónicas para a imprensa, sentiu alguma familiaridade entre o jornalismo e a história. Afinal, importa observar que Eça viveu num mundo sob o forte impacto do surgimento das “ciências do espírito”, por oposição às “ciências da natureza”, mundo esse em que se destaca a influência do pensamento de Hegel, nomeadamente no seu estudo *A razão na história*, para quem a verdade está na sua história, e esta história encontra-se em transformação perpétua. Tal indicação nos parece clara, pois se, no primeiro número de *O Distrito de Évora*, Eça de Queirós procura um conceito de jornalismo, no segundo número ele subordina seu pensamento ao título “As ciências históricas”. Em Eça, as atitudes do

jornalista e do historiador são partes de uma mesma intenção informativa. Ambos têm uma grande preocupação com a procura da verdade. Para ele, “as ciências históricas são a base das ciências sociais” (QUEIRÓS, 2000, p. 22). Ou seja, para o escritor, como acaba de se tornar patente, não se pode compreender nada da realidade, não se pode conhecer fora do âmbito da história, porque tudo o que é real e existe tem história, é histórico. De acordo com esse viés, tanto o saber quanto a divulgação do saber estão subordinados à historicidade dos factos. Seria, assim, do ponto de vista da história, que o jornalista adquire uma visão global dos acontecimentos, e procura, como numa investigação, aqueles factos que são considerados os mais importantes na ordem causal. Sem o sentido da historicidade dos factos, faltaria ao jornalista esta visão global do tempo, e ele se perderia na superficialidade e no impressionismo dos factos ditos interessantes:

O jornalismo ensina, professa, alumia sobretudo; é ele o grande constituidor do futuro [...] A história leal, verdadeira e elevada, pela filosofia que encerra, pelos métodos políticos que esclarece, pelas tradições que destrói e que consagra, pelas individualidades cujas influências estuda e penetra, esclarece e funda a política do futuro (idem, pp. 11 e 22).

Problemáticas oitocentistas que ainda hoje permanecem atuais. Além desta interdisciplinaridade, as fronteiras dessas duas áreas também se cruzam na narrativa. Afinal, nos dois campos temos também um narrador – o historiador e o jornalista – que têm “empreitadas” narrativas a cumprir. Tanto o jornalista como o historiador devem reunir os dados, seleccionar, constituir conexões e interseções entre eles, elaborar um enredo, apresentar soluções para decifrar uma trama e utilizar estratégias de retórica para convencer o leitor, com vistas a oferecer uma versão o mais possível aproximada do real acontecido. Enfim, ambos trabalham sobre os factos sociais (acontecimentos) e organizam uma memória coletiva. Sobre essa sobreposição de papéis, Cádima vai mais longe e alerta:

No passado, o poder tinha a palavra. Hoje, a História é o discurso, e a palavra tem o poder. No limite poder-se-ia dizer que o que resta de histórico na História é o sujeito da enunciação – o historiador – e o discurso

por ele produzido. Mas se há um século atrás cabia aos historiadores a legitimação do passado, hoje é o jornalista e o campo dos media que ocupam o lugar do historiador. (CÁDIMA, 2002, p. 75).

Cabe, ainda, destacar o seguinte: é verdade que o objeto de estudo do historiador está no passado, mas o historiador vive no presente e esse presente é construído pelos jornalistas. Hoje, não só se reconhece essa interdisciplinaridade como também se assume que divergências entre as duas disciplinas não fazem sentido:

Seja qual for o ponto de partida, torna-se necessário que aqueles que se preocupam com a história e a comunicação e a cultura – tema que cada dia ganha mais adeptos – levem com mais seriedade e atenção a história, e os historiadores – seja qual for o tema ou período que estudem – considerem de maneira mais cuidadosa em seus estudos a comunicação. (BURKE & BRIGGS, 2002, p. 12)

Enfim, para enfrentar esta a aproximação entre estas formas de conhecimento ou discursos sobre o mundo, é preciso assumir, em uma primeira instância, posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, em parte, relativizem a dualidade jornalismo/história ou atualidade/passado. Podemos afirmar que as duas instâncias de conhecimento, apesar de suas diferenças, realizam abordagens e interpretações que, quando entram em sintonia, se enriquecem na compreensão dos factos e nas repercussões destes na sociedade.

Em suma, entendemos que estas questões revelam a riqueza de uma antiga questão. No entanto, estas preocupações podem proporcionar uma abertura dos campos de pesquisa para a utilização de novas fontes e objetos, e enriquecer o campo jornalístico.

## Bibliografia

BURKE, P. & BRIGGS, A. (2002). *Uma história social da mídia – de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CÁDIMA, F. R. (2002). *História e crítica da comunicação*. Lisboa: Edições Século XXI.

HEGEL, G. W. F. (2004). *A razão na história*. São Paulo: Centauro.

LIPOVESTSKY, G. & SÉBASTIEN, C. (2004). *Os tempos hipermodernos*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla.

NORA, P. (1977). O regresso do acontecimento. In: *Fazer História*/1. Lisboa: Bertrand.

QUEIRÓS, E. de (1995). *Textos de Imprensa VI (da Revista de Portugal)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Maria Helena Santana. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

\_\_\_\_\_ (2000). *Da colaboração no “Distrito de Évora”*. Lisboa: Livros do Brasil.

\_\_\_\_\_ (2002). *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Elza Mine e Neuma Cavalcante. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

\_\_\_\_\_ (2004). *Textos de Imprensa I (da Gazeta de Portugal)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

\_\_\_\_\_ (2005). *Textos de Imprensa V (da Revista Moderna)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Elena Losada Soler. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.